

**Oficinas Pedagógicas:
Discutindo gênero e diversidade
sexual na escola**

Vandcleide Monteiro da Silva e
Maria Cristina Ferreira dos Santos

Rio de Janeiro

2017

Oficinas Pedagógicas:

**Discutindo gênero e diversidade
sexual na escola**

Vandcleide Monteiro da Silva e

Maria Cristina Ferreira dos Santos

Rio de Janeiro

2017



CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/MID

S586 Silva, Vandcleide Monteiro da.

Oficinas pedagógicas: discutindo gênero e diversidade sexual na escola/ Vandcleide Monteiro da Silva e Maria Cristina Ferreira dos Santos. – Rio de Janeiro : CAP/UERJ, 2017.

35p.

ISBN 978-85-89382-49-6

1. Educação sexual. 2. Educação de adolescentes. I. Santos, Maria Cristina Ferreira dos. II. Título.

CDU 613.88

Bibliotecária: Luciana Avellar CRB7/4544

Sobre as autoras

Vandcleide Monteiro da Silva

Licenciada em Ciências Biológicas e Docente I da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Mestre pelo Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde desenvolveu pesquisa sobre abordagens de gênero e sexualidade em livros didáticos de Ciências.

Maria Cristina Ferreira dos Santos

Professora e pesquisadora atuante na educação básica, graduação e pós-graduação no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira e na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa Ensino, Formação, Currículos e Culturas, desenvolve pesquisas em ensino de ciências, currículo, formação docente e práticas interdisciplinares na educação básica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
1.1	A disciplina sobre os corpos	4
1.2	Escola para todos?	7
1.3	Saberes docentes	9
1.4	Conceitos e expressões	11
2	PLANEJAMENTO DA OFICINA	14
3	OFICINAS	16
3.1	Oficina pedagógica 1	17
3.2	Oficina pedagógica 2	21
3.3	Oficina pedagógica 3	24
4	SUGESTÕES DE FILMES E SÍTIOS ELETRÔNICOS	30
	REFERÊNCIAS	33
	ANEXO 1- Faca sem ponta, galinha sem pé	35

1. INTRODUÇÃO

A partir de reflexões sobre como questões de gênero e sexualidade são abordadas nos livros didáticos de Ciências e diante de embates cotidianos, foram elaboradas oficinas a partir da articulação entre teoria e prática pedagógica, estabelecendo relação de complementaridade com o material didático analisado.

Antes das oficinas serão apresentados aportes teóricos e um resumo de fatos históricos que embasarão o planejamento da oficina, buscando dar suporte para que haja uma maior compreensão das práticas sugeridas. No final foram listadas referências que contribuem para o conhecimento sobre os estudos de gênero e sexualidade nas Ciências.

1.1 A disciplina sobre os corpos

Por que me visto dessa forma ou ando desse jeito? Por que, por eu ter um pênis ou uma vagina, preciso pensar, me expressar e (re)agir dessa maneira? Por que o fato de uma pessoa possuir cromossomos XX ou XY faz com que ela deva ter preferência pelo rosa ou ser submissa a quem tem os cromossomos XY, que, por consequência, deve apreciar a cor azul e gostar de carrinhos, por exemplo? Porque fomos, em grande medida, através da disciplinarização dos corpos, adestrados a sermos assim. Pela instituição escolar, inclusive, como afirma Michel Foucault:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar'; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. A disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 2008, p. 143).

A maioria das pessoas, ao longo da vida, trilha um caminho que parece natural e único e não se questiona sobre algumas "verdades". Esse questionamento pode se estender a diferentes culturas, religiosidades, questões raciais, étnicas, sociais, de gênero e sexuais. Dentro da estratificação social, o ser hegemônico seria o homem branco e heterossexual. Modificar esses elementos é mexer com as relações de poder e isso amedronta as sociedades em geral e a brasileira em particular, uma sociedade extremamente autoritária e que criou modalidades de cidadania (LOURO, 2010). Esse país é descendente de processos coloniais e escravidão. Somos uma nação construída sob o receio da possibilidade, por parte de algumas pessoas, de todos alcançarem uma suposta igualdade. É o medo das classes bem situadas, que usufruem da estratificação do poder imposto e estão no topo da hierarquia social, de perde-

rem seus privilégios. E, quando se coloca na centralidade do discurso o desejo, a sexualidade e o gênero, o raciocínio não é diferente.

No que tange às construções sociais referentes ao gênero, as Ciências Médicas do século XIX descrevem uma noção de que as mulheres eram homens invertidos. A explicação encontrava ressonância em estudos que descreviam, com detalhes, como a genitália feminina era uma versão imperfeita do aparelho genital masculino:

A mulher era o representante inferior desse sexo por não ter calor vital suficiente para atingir a referência de perfeição anatômica do homem. A partir dessa crença, tem-se a descrição da mulher como invertido, com todos os órgãos para dentro: a vagina era um pênis que tinha entrado para dentro do corpo; os ovários eram testículos internos; o útero era o saco escrotal; a vulva, o prepúcio (LAQUER, 2001, p.16).

O sistema de hierarquias simbólicas sobre mulheres e homens foi sendo construído ao longo da história, resultando em reflexos na esfera política, direito, da justiça e do cotidiano, não só no âmbito da esfera pública, mas também no âmbito da esfera privada, nas relações mais simples e cotidianas, no contato com amigos, colegas de trabalho e parentes ou com alguém que cruzamos na rua. Um exemplo disso é que “[...] práticas como o estupro ou maiores índices de criminalidade entre os homens tornam-se sinais de diferenças fisiológicas entre os sexos, que fariam os homens mais agressivos e violentos em decorrência, entre outras, da produção de testosterona” (SENKEVICS; POLIDORO, 2012, p.19).

Tradicionalmente, por meio de uma teoria biologizante, no discurso propagado pela medicina e até pela psicologia, naturalizou-se uma constituição da masculinidade e da feminilidade (BUTLER, 2010). Mesmo desigualdades complexas, como o acesso dificultado das mulheres ao mercado de trabalho, são explicadas pela suposta falta de competitividade inata às mulheres ou outras características que digam respeito à pretensa “essência” da mulher e do homem (SENKEVICS; POLIDORO, 2012, p.19). Mas o modo como nos constituímos não tem relação apenas com a natureza. Trata-se sobretudo de construção humana, imersa em um universo simbólico, que contribui para a determinação de muitas experiências que vivemos.

Efetivamente não somos pura representação; somos um corpo orgânico e a condição sexuada vai impactar, em algum nível, na construção identitária e na subjetivação do sujeito. É importante ter claro que não há garantias de que ter nascido com determinado sexo biológico determine, por exemplo, a expressão de gênero, ou seja, como o indivíduo se reconhece e se apresenta socialmente em termos de masculinidade e feminilidade, como também não dá garantias em relação às afetividades e desejos sexuais. Ter pênis ou ter vagina ainda

diz muito pouco sobre as subjetividades e as experiências sempre singulares da sexualidade e do gênero. “É por meio desse processo de socialização sexual que os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicos de seus grupos de idade ou de *status* dentro da sociedade, bem como as alternativas sexuais que suas culturas lhes possibilitam” (LOURO, 2010, p. 96).

Não existe apenas uma forma de ser mulher. Negar isso é contribuir para o apagamento de todas as outras formas de ser mulher e da mesma forma ocorre em relação aos homens. “O que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente” (LOURO, 2010, p. 96). Ainda vivemos em uma sociedade machista, em que a mulher é objetificada, inferiorizada, em muitas esferas sociais: familiar, política e econômica. E essa diferença continua sendo de alguma forma valorizada, ainda que também afete em cheio aos homens. Um exemplo disto é que qualquer característica que remeta a alguma feminilidade é vista como sinal de fraqueza, é algo negativo. Louro (2013) trata dos efeitos que as representações do feminino e do masculino em filmes de faroeste causaram, por anos, na construção das identidades de gênero. No que diz respeito aos homens, ela afirma que naquelas obras eles não podem correr o risco de se mostrarem sensíveis ou “afeminados”. A elas fica reservada a possibilidade (ou a obrigatoriedade) de extravasar emoção e, adicionalmente, a tarefa de interpretar os sinais e códigos da cifrada mensagem de afeto masculina (quando eventualmente ocorrer) (ibidem, 2013). Senkevics e Polidoro (2012) contribuem para essa reflexão:

A agressividade, virilidade e insensibilidade; a sentimentalidade, submissão e instabilidade emocional das mulheres; a preferência dos meninos em brincadeiras que simulam guerras, lutas e violência, permeadas por cores vivas e fortes; a preferência das meninas por bonecas e atividades que simulem tarefas domésticas e de “cuidado”, coloridas em tons de rosa. Enfim, uma série de características, conectadas em torno de ideais de masculinidade e feminilidade, nos descrevem (SENKEVICS; POLIDORO, 2012, p.18).

A todos esses estigmas de gênero somam-se outros marcadores identitários, contribuindo para o aumento da violência, física e simbólica, com os atravessamentos étnicos, sociais, religiosos, raciais etc. Segundo o mapa da violência 2016 no Brasil, em pesquisa feita pelo IPEA¹, homens negros com baixa escolaridade são as maiores vítimas de homicídio. Corre-se o risco de passar anos na crença de que nascemos desse ou daquele jeito, atribuindo

¹ CERQUEIRA et al., 2016. **Atlas da Violência 2016**. Disponível em: http://infogbucket.s3.amazonaws.com/arquivos/2016/03/22/atlas_da_violencia_2016.pdf. Acesso em: março 2017.

o que somos à nossa Biologia. “A Biologia – sejam os genes, a anatomia ou mesmo os hormônios – não seria capaz de explicar características tão variáveis de cultura a cultura e tão permeadas de sentidos e significados particulares a determinados contextos” (SENKEVICS; POLIDORO, 2012, p. 18). Muitos indivíduos que não se adequam aos estereótipos sofrerão punições, enfrentarão preconceitos, que vão desde não serem aceitos por suas famílias e terem dificuldade de entrar no mercado de trabalho a serem consideradas pessoas doentes, dotadas de distúrbios mentais, vulneráveis a toda sorte de violência, como o *bullying* ou mesmo um assassinato.

O ambiente de trabalho é passível a críticas e a intervenções. É importante ousar em assuntos que são pensados inquestionáveis, não só no campo do gênero ou da sexualidade, mas qualquer tipo de saber na escola. É desejável que possamos refletir sobre as condições pelos quais certos entendimentos tenham garantido seu lugar incontestável. Qual é o nosso lugar enquanto professores? O que temos a dizer do outro? Será que temos que encontrar alguma verdade desse outro? Talvez não devêssemos produzir verdade alguma sobre os outros, talvez devêssemos trazer à tona a voz de cada um, pelo debate e pela construção conjunta.

1.2 Escola para todos?

Faz-se necessário deseducar os corpos, como afirma Guacira Lopes Louro (2012). Segundo a pesquisadora, precisamos deseducar os sujeitos porque a educação foi formada e constituída dentro de um modelo, dentro de um padrão de homem e mulher, que já não nos serve mais. “A escola, ao mesmo tempo em que se ausenta do debate, pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos. Tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura” (LOURO, 2010, p 10). É urgente deformar essas estruturas para que tenhamos espaços e lugar nessa dita “escola para todos”.

O espaço escolar é chancelado, legitimado, como um espaço de educação. É um espaço que também ajuda a criar identidades, através de normas e padrões, até porque uma das funções da escola é exatamente a de construir os sujeitos para serem incorporados na maquinaria e organicidade social. É comum nos comportarmos e educarmos nossos alunos e alunas, em boa parte, dentro do modelo de homem e mulher que aprendemos e que a sociedade naturalizou. Segundo Veiga-Neto (2003), Foucault descrevia a escola, como uma das “instituições de sequestro”, como o hospital, o quartel e a prisão: “São aquelas instituições que retiram compulsoriamente os indivíduos do espaço familiar ou social mais amplo e os

internam, durante um período longo, para moldar suas condutas, disciplinar seus comportamentos, formatar aquilo que pensam etc.” (VEIGA-NETO, 2003, p. 3).

Se não compreendermos os preconceitos causados por tais construções e ainda tão enraizados em nós, não os combateremos. Na instituição escolar, “[...] o (a) aluno(a) não é avaliado(a) apenas por competências e habilidades ou pelo conteúdo que aprendeu, apenas, ele(a) é observado(a) (também) por sua vida social, dentro ou fora da escola’ (NOGUEIRA, 2015, p. 179). Podemos reproduzir uma rudeza que por vezes não percebemos, como, por exemplo, ser mais amorosos com um aluno que com outro. Com base em certas afetividades/afinidades, dar uma nota maior ou menor de acordo com o que julgamos estar alheio, que advém de nossas próprias heranças emocionais e sociais e criar pequenas violências.

Essa “sansão normalizadora” nos faz refletir sobre a forma como professores (as), gestores (as) e alunos (as) analisam uns aos outros. A avaliação não está relacionada com a aprendizagem ou com mérito profissional (apenas), está pautada nos rótulos e etiquetas sociais (NOGUEIRA, 2015, p. 180). Essa etiquetagem faz uma espécie de faxina geral, “[...] tudo que está inadequado à regra, tudo que se afasta dela”, tudo que está no campo do indefinível do não-conforme” é “[...] passível de pena” (FOUCAULT, 2008, p. 160).

Um exemplo sobre adequações/inadequações sociais bastante em voga nos últimos anos é o próprio conceito de família. Podemos citar, inclusive, dentro do âmbito político, um projeto de lei que tramita no Congresso, o Estatuto da Família (PL 6583/13), amplamente divulgado e que pretende atribuir naturalidade à família, como sendo composta por um homem, uma mulher e seus filhos, ainda que nem todas as famílias sejam assim constituídas ou continuem estabelecidas dessa forma:

Art. 2º. Para os fins desta Lei, define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (BRASIL, 2013).

Claudia Fonseca afirma que descobertas científicas no século XX, como a pílula anticoncepcional, a fertilização *in vitro*, a “barriga de aluguel”, os exames de DNA para paternidade duvidosa, “[...] contribuíram para o estabelecimento, hoje, de várias “estruturas familiares”, no Ocidente”. Quando as “[...] rígidas convenções morais foram cedendo a valores recentes, centrados na auto realização e satisfação emocional, as relações conjugais [...] tornaram-se abertas à negociação” (FONSECA, 2002, p. 271), possibilitando o surgimento da “família pós-moderna”, caracterizada pela pluralidade de conformações.

Nas famílias contemporâneas, destacam-se também aquelas constituídas entre pessoas do mesmo sexo, favorecidas, principalmente, pelo contexto emergente de visibilidade, nacional, mundial, da homossexualidade, nos últimos anos. Para a autora, “[...] parceiros do mesmo sexo ganharam um espaço importante; se a afeição é a verdadeira base do relacionamento, por que o casal seria limitado a um relacionamento heterossexual centrado em torno da reprodução biológica?” (FONSECA, 2002, p. 272).

Há vários criadores e difusores de representações, além dos livros didáticos (SANTOS, 2013, p. 402). Em meio a esse momento histórico, não somente o âmbito político, mas novelas e telejornais, revistas impressas ou *online* e rede sociais também trazem frequentemente distintas opiniões que abordam tais questões. Devido a esse grande trânsito de discursos que, sob diferentes perspectivas, debatem nossa vida social, progressivamente nascem abordagens sobre a diversidade como questão fundamental para se entender a contemporaneidade. Porém, os discursos são múltiplos e alguns deles apresentam uma interface do discurso seletivo e discriminatório. Sobre o combate a esse e inúmeros outros preconceitos, a escola nem sempre fará a diferença. Dificilmente todo o quadro da instituição irá trabalhar no sentido de desconstruir determinadas regras e valores sociais. E será o poder de atuação de cada um desses sujeitos, que produz a diferença. Quanto aos alunos que participam desse tipo de debate, correm o risco de voltar para casa com compreensões outras, construindo novos argumentos, modificando seu olhar e atitude perante a vida e as pessoas.

1.3 Saberes docentes

Os saberes elaborados no cotidiano escolar são construídos e ressignificados a partir de conhecimentos constituídos na formação inicial, complementados e aperfeiçoados com as práticas na sala de aula. Para Maurice Tardif (2002), o educador deve conhecer a sua disciplina e seu programa, além de possuir conhecimentos relativos às Ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. O professor age sobre grupos para atingir os indivíduos que os compõem (TARDIF, 2002, p. 146).

Um dos desafios é fazer com que as aprendizagens se encaminhem para além da formação inicial. Segundo Tardif (2002), a formação inicial visa ao ingresso dos futuros professores à prática profissional docente. Há um conjunto de saberes que constroem a profissão docente. “Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama de

saberes oriundos da formação profissional e dos saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2002, p. 36). Para o autor, todas essas dinâmicas dialogam permanentemente com as experiências de vida do educador, suas interações sociais, sua história, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades de trabalho (TARDIF, 2002, p. 256).

A prática docente, na perspectiva de Tardif, produz saberes. “Os saberes da formação profissional são oriundos das Ciências da educação e da ideologia pedagógica, são transmitidos pelas instituições de formação de professores e podem ser chamados de saberes pedagógicos” (BARREIROS, 2006 p. 73). As disciplinas que compõem as Ciências da educação, juntamente com as didáticas compunham quase sempre a matriz curricular:

Assim como a pedagogia ativa apoiou-se na psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento para justificar suas proposições normativas, os saberes pedagógicos em geral se articulam com as Ciências da educação, tentando, de modo cada vez mais sistemático, integrar os resultados das pesquisas com as concepções que promovem, a fim de legitimá-las “cientificamente” (BARREIROS, 2006, p. 73).

É preciso repensar os cursos de formação dos professores. Não se deve esquecer de sua natureza social, se quisermos realmente representá-lo sem desfigurá-lo (TARDIF, 2002, p. 14). Durante nossa formação muitas vezes são ensinadas as especificidades de cada disciplina, sem relacioná-las à sua aplicação na escola. Tardif aponta que, ao contrário, o saber profissional se dá na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educacionais, das universidades (TARDIF, 2002, p. 19). A tensão que se dá hoje no interior das escolas tem pedido outro perfil de educador, que se apresente mais flexível e atento nas relações pessoais, na capacidade de se relacionar com seus alunos, com a sensibilidade de observar e ouvir as mais diversificadas realidades e comprometido com a sociedade em que vivemos.

É com base nos conceitos de Tardif que a oficina proposta se baseia. Se os saberes são também produtos da própria experiência, que parte deles possa ser comungada transformando-se em ferramenta e oportunidade para modificar as nossas práticas em salas de aula.

1.4 Conceitos e expressões

Vários equívocos e dúvidas – tanto dos professores quanto dos alunos - ocorram em relação aos termos mais utilizados, relacionados à temática de gênero e sexualidade. Afinal, eles estão a todo tempo sendo alterados, atualizados, em processo de reconstrução. Nesta

sessão, estão alguns conceitos e expressões mais usuais no atual contexto, não somente no campo científico como os que circulam na sociedade. É recomendado um olhar cuidadoso para as diferenças entre gênero e sexo, identidade de gênero e expressão de gênero, por serem expressões frequentemente confundidas ou trocadas.

Assexual - Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero (JESUS, 2012).

Bissexual - pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por ambos os gêneros, masculino e feminino. (BORTOLINI, 2008)

Cisgênero - conceito que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado no seu nascimento. (JESUS, 2012). Ou seja, quando o gênero com o qual a pessoa se identifica, de acordo com o que a é esperado pela sociedade, está de acordo com seu sexo biológico.

Crossdresser - pessoa que usualmente se veste, usa acessórios e/ou se maquila diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Independe de seu gênero ou orientação sexual. (JESUS, 2012)

Discriminar- ação de discriminar, tratar diferente, anular, tornar invisível, excluir, marginalizar. (PEREIRA; BRANDT, 2009)

Expressão de gênero /identidade de gênero – é como a pessoa se expressa socialmente. Sua expressão de gênero não é definida pelo seu gênero ou orientação sexual. Está relacionado às vestimentas, acessórios, modificações corporais, maquilagens, comportamento. Depende da cultura em que a pessoa vive. (JESUS, 2012).

Heteronormativo - padrão heterossexual socialmente construído, incluindo prática sexual, expressão de gênero e comportamento, no qual se legitima como sendo o único, o natural ou correto. Tudo o que se distancia do padrão heteronormativo é considerado desviante ou antinatural. (JESUS, 2012)

Heterossexual - pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas do gênero oposto. (BORTOLINI, 2008)

Homofobia - Termo usado para se referir ao desprezo e ao ódio às pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual (PEREIRA; BRANDT, 2009).

Heterossexuais também podem ser vítimas de homofobia, ao passo que basta que o agressor, homofóbico, deduza que sua vítima tenha um comportamento que ele considere associado a um padrão homossexual. No Brasil, há vários relatos em que algumas vítimas foram agredidas fisicamente por estarem, por exemplo, abraçados com seus irmãos, filhos, pais etc.

Homossexual - pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de mesmo gênero. (BORTOLINI, 2008)

Identidade de gênero – identificação, pessoal, como homens ou mulheres, independe do sexo biológico ou conformação genital. É a percepção que a pessoa tem de si, através de vivências diárias, de que faz parte de um gênero: masculino ou feminino, independente do gênero que lhe foi atribuído ao nascimento. Há ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero. Alguns utilizam o termo *queer*, outros a antiga denominação andrógino ou, ainda, reutilizam a palavra transgênero.

Não devemos confundir identidade de gênero com a sexualidade. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto como as pessoas cisgênero (JESUS, 2012).

Intersexual - “intersexo” é um termo usado para descrever pessoas que nasceram com sistema reprodutor, anatomia sexual, cromossomos ou hormônios que varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, com diversas nuances em um espectro de até 30 características biológicas, com diferentes combinações possíveis.

A prevalência de pessoas intersexo é de 1 a cada 2000 nascimentos². Significaria dizer que pessoas intersexo são tão comuns como pessoas ruivas, por exemplo.

Recentemente, pais de crianças intersexo são "aconselhados" a realizar cirurgias para "normalizar" suas características sexuais. No entanto, isso pode levar a sérias consequências. Não é raro, por exemplo, crianças intersexo que nascem com genital ambíguo serem designadas mulheres (e assim, levadas à vaginoplastia) e, mais tarde, passarem a ter identidade de gênero masculina, uma vez que uma pessoa intersexo pode pertencer a qualquer gênero, orientação sexual ou expressão de gênero.

O grupo composto por pessoas intersexuais tem se mobilizado cada vez mais, a nível mundial, para que a intersexualidade não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas “reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais.

É curioso que, mesmo com um percentual tão expressivo de intersexos na sociedade, essas pessoas ainda sejam invisibilizadas. A ideia naturalizada de que existem apenas machos e fêmeas também seria parte de uma construção social, como sugere a bióloga Anne Fausto Sterling (2000).

LGBT - Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

² Disponível em: <http://www.iwgregorio.com/2014/09/13/5-myths-about-intersex-debunked/>

Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/*queer*. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTQI, incluindo pessoas *queer* e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGB-TTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e Assexuados) (JESUS, 2012).

Orientação sexual – diz respeito à atração, ao desejo sexual e afetivo que uma pessoa sente por outras (BORTOLINI, 2008). A pessoa é aquilo que se declara. Pode haver modificações e fluidez em relação ao desejo, ao longo da vida.

Racismo -

Sexismo - trata-se da discriminação de pessoas em razão do seu sexo (macho-fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino) (BORRILLO, 2010, p. 26).

Sexo biológico - possui caráter biológico, anatômico, incluindo órgãos reprodutivos e genitais, incluindo características cromossômicas, genéticas e hormonais (JESUS, 2012).

Vale lembrar que a incidência de cromossomos sexuais XX e XY é a condição mais comum, porém merece destaque o fato de que pessoas podem ser XXY, XO, e até mesmo diferentes pares de cromossomos em diferentes células, uma condição chamada de mosaicismo cromossomial. Pessoas intersexo são indivíduos nascidos com características sexuais externas ou internas que são diferentes das comumente designadas "masculinas" ou "femininas". Esse conceito será abordado mais detalhadamente adiante.

Transexual - termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. O adequado é sempre nos referirmos à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica. (JESUS, 2012).

Transfobia - preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis. (JESUS, 2012).

Transformista ou Drag Queen/Drag King - indivíduo que se veste, de maneira estereotipada, com fins de demonstrações artísticas, para fins artísticos ou de entretenimento. Independe da sua identidade de gênero ou orientação sexual. (JESUS, 2012)

Transgênero - conceito “guarda-chuva” que abrange pessoas que não se identificam em graus diferentes com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. (JESUS, 2012).

Travesti - pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um

não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento (JESUS, 2012).

Destaco que este conteúdo está para além das próprias definições, têm o objetivo de desmistificar certos discursos, contribuindo para maior compreensão e desenvolvimento de um olhar crítico. Nenhuma dessas definições é estática ou imutável. Ao contrário, são passíveis de ressignificações e alterações, a partir da perspectiva de novas vivências e construções, permitindo novos posicionamentos e entendimentos.

2. PLANEJAMENTO DA OFICINA

Desenvolver a temática do gênero e da sexualidade voltada para os educadores, de forma a garantir a esses profissionais subsídios para tratar de tais questões seria um caminho profícuo. Sobre os alunos, muitas vezes, recaem discursos estigmatizados e disciplinadores, em que a dimensão da identidade, do gênero, dos afetos e da sexualidade, quando tratados, perpassa um discurso de controle. Como forma de resistência aos moldes mais tradicionais, este trabalho aparece como uma alternativa com a sugestão de oficinas temáticas sobre preconceito, gênero, sexualidade, e suas diversidades.

Optamos por debates, trocas, discussões, superando uma apresentação meramente expositiva/ilustrativa, por meio de discussões a partir das próprias experiência. Torna-se fundamental percebermos o espaço onde trabalhamos como espaço de socialização e de reprodução de desigualdades, em que os conflitos na escola poderão ser problematizados, em busca da superação dos preconceitos e discriminações. Esperamos que contribua para práticas docentes e alternativas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A oficina será composta por três encontros, com a duração de três horas cada. A ideia é articular blogs, textos, vídeos, imagens, redes sociais e uma série de conteúdos para favorecer a comunicação. A oficina começa com o tema “gênero”, com o objetivo de promover uma reflexão sobre o que é ser um homem ou uma mulher na atualidade e quais são as desigualdades que brotam dessas relações. As oficinas poderão ser adequadas pelos professores para serem utilizadas com estudantes na sala de aula.

A proposta da oficina é a formação de professores e licenciandos em Ciências e outras disciplinas escolares, com base na análise de textos e imagens de livros didáticos de Ciências e de outros materiais educativos, realizando uma intervenção pedagógica, para aprofundar a compreensão sobre o tema, através de uma construção coletiva, evitando trabalhar o

tema sobre o legado do sexo biológico como definidor de gênero e sobre as práticas sexuais reconhecidas como normais, naturais, que podem provocar discursos preconceituosos pelos diversos sujeitos que compõem tanto a sala de aula quanto o universo escolar.

Quanto à organização da oficina, inicia-se procurando enriquecer a noção de texto, atrelando ao trabalho imagens produzidas pelos próprios participantes. Será possível iniciar certa noção de como o diálogo entre essas imagens e determinadas palavras possibilitaram múltiplas leituras e a construção de sentidos. É necessário considerar as informações trazidas pelos participantes. De acordo com Libâneo (1994), o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento pode ser revisto e reformulado a cada oficina, atendendo às demandas da turma ou do grupo, estando atrelado a alguma antecipação da reação frente a determinado assunto. Assim sendo, devemos pensar cuidadosamente e refletir sobre a metodologia mais adequada para acessar os conhecimentos do grupo a fim de fazer as intervenções necessárias, auxiliando novos entendimentos e construções.

A oficina inicialmente aborda como são representadas e constituídas as identidades de gênero e, num segundo momento, propõe atividades e debates. O objetivo é estimular perspectivas potentes, fundamentadas em relações de cuidado e respeito entre os indivíduos e as suas infinitas possibilidades identitárias, abandonando a ideia de respostas únicas e padronizadas. Teoricamente, a oficina está embasada nos conceitos de identidade e diferença, nos aspectos históricos com relação à construção das identidades de gênero e sexuais, principalmente nos pensamentos produzidos pelos estudos *queer*, que propõem pensar as identidades que se constituem a partir das diferentes manifestações das sexualidades e dos gêneros por suas ambiguidades, multiplicidade, fluidez e, construir novos enfoques com relação à cultura, ao conhecimento, ao poder e à educação (FRANCO, 2009). Uma listagem de filmes, documentários e endereços eletrônicos, disponibilizada no final desse texto, pode servir de referência para educadores, com a necessidade de um olhar ampliado no que se refere às questões de gênero e sexualidade ligadas ao ensino de Ciências. Caminho esse para assumir uma prática transformadora na luta contra as desigualdades.

3. OFICINAS

A importância das oficinas para a formação de professores que trabalham na educação básica dá-se pela necessidade de problematização, junto aos estudantes, de conceitos

que deflagram em apagamentos identitários e violências físicas e/ou simbólicas. Precisamos superar as explicações e teorizações biológicas e generalistas, a fim de promover debates que privilegiam diversas vivências sobre sexualidade e construções identitárias na formação de sujeitos.

As oficinas foram planejadas para serem desenvolvidas em três dias, com duração de 3 horas cada uma, compreendendo três eixos: gênero, sexualidade e escola. As três oficinas são independentes e também podem ser efetuadas separadamente.

3.1 OFICINA PEDAGÓGICA 1

- 1- **Título:** Gênero e transexualidade.
- 2- **Público-alvo:** a oficina está voltada para profissionais do ensino de Ciências e outros profissionais da educação.
- 3- **Duração:** 4 horas
- 4- **Objetivos:**
 - Proporcionar um espaço de reflexão e debate sobre as práticas pedagógicas relacionadas às construções dos gêneros masculino e feminino, a partir das noções identitárias apresentadas inicialmente pelos próprios professores. A atividade pode evidenciar como certos comportamentos e situações circundam os cotidianos de meninos/meninas, homem/mulheres, a fim de desnaturalizar certas noções que atravessam nossos imaginários.
 - Promover um debate sobre a identidade trans, problematizando as questões que circundam essa temática, como a transfobia e exclusão social e na escola.
 - Debater sobre a identidade de gênero e orientação sexual no currículo da escola e na Base Nacional Curricular Comum (BNCC).
- 5- **Recursos didáticos:** data show, quadro, canetas, papel pardo.
- 6- **Procedimentos:**
 - a) Apresentação dos participantes e apresentação dos objetivos da oficina.
 - b) Exposição e debate dos significantes adiante explicitados e significados atribuídos. À medida que forem apresentados, cada termo será problematizado:
 - Identidade de gênero
 - Expressão de gênero /identidade de gênero
 - Intersexual
 - Machismo
 - Feminismo
 - Misoginia
 - Cisgênero
 - Transgênero
 - Transexual
 - Travesti
 - Transformista ou Drag Queen/Drag King
 - Crossdresser
 - Transfobia
 - Sexismo
 - c) Dividir o quadro ao meio, escrevendo de cada lado os termos “homem” e “mulher”. Em seguida, serão oferecidas algumas canetas piloto e a sugestão aos professores para

que escrevam, alguma (s) palavra(s) referente(s) às características que considerem pertencentes a cada um dos gêneros de acordo com seus imaginários, sem associar a uma noção de certo ou errado.

d) A partir das expressões escritas no quadro, iniciar o debate questionando como os colegas enxergam, de forma geral, demandas sociais sobre como devem se comportar o homem e a mulher. Como determinados estereótipos justificam algumas vulnerabilidades que atravessam os gêneros masculino e feminino.

e) Em seguida, será trabalhado o texto “Faca sem ponta, galinha sem pé” – Ruth Rocha, apresentado no data show e entregue aos participantes. Nesse texto, Ruth Rocha, explora alguns estigmas e papéis representados pelos gêneros masculino e feminino, construídos e naturalizados pelo senso comum. Apresentam-se comportamentos peculiares que se estabelecem no dia a dia de um casal de irmãos, que têm a oportunidade de trocar suas identidades um com o outro e lidar com o universo que, a princípio, não lhes pertence, garantindo, assim a possibilidade de novos olhares e vivências. Ainda que seja uma história infanto-juvenil, além de contemporâneas, as problematizações e intrigas trazidas no livro são perfeitamente adaptáveis a um público jovem/adulto, o texto também serve como sugestão para ser trabalhada em sala de aula com os alunos do ensino fundamental (ANEXO 1).

f) Trabalhar o tema a partir de exercícios trazidos dos livros didáticos analisados nesta pesquisa, com a finalidade de que, ao final, haja um debate sobre material proposto. Cada integrante receberá uma folha com a tarefa proposta. Embaixo de cada recorte, cada professor poderá refletir sobre o exercício e fazer análises e comentários:

1)


9 Leia as frases: “Meninos são corajosos e fortes. Meninas são sensíveis e comportadas”.

- Você acha correto generalizar sobre comportamentos e personalidades dos gêneros masculinos e femininos? *Resposta pessoal.*

(PROJETO ARARIBÁ, 2010, p. 52)

2)

Em Grupo – Ligados no município



Entrevistem cinco mulheres que já tiveram filhos e, de preferência, que morem em bairros diferentes umas das outras. Perguntem a cada uma:

a) Quantos filhos tem? De que idade?

b) Onde o parto ocorreu: numa maternidade pública, numa maternidade particular ou em outro local?

c) Como foi o atendimento? Se possível, obtenham informações quanto ao tempo de espera, ao número de pacientes por quarto, à qualificação dos médicos e enfermeiros, etc.

d) Como foi o parto? Em caso de cesariana, a cirurgia foi marcada? Com qual finalidade?

e) Como foi o preparo pré-natal? Fez exames médicos? Quais? Recebeu alguma recomendação médica especial? Explique.

f) Como foi a assistência ao bebê?

g) Atualmente, aonde os filhos são levados para receber cuidados médicos? Em classe, organizem todo o material coletado. Isso poderá ser feito por meio de exposição oral num grande círculo ou de registro dos dados na lousa. Comparem os depoimentos. Discutam:

a) A maioria das mulheres entrevistadas foi atendida por serviço de saúde pública ou particular?

b) Qual foi a avaliação do serviço médico público? E do atendimento particular?

(GOUDAK, 2012, p. 71)

3)

a) Você acha que a responsabilidade de uma gravidez é da mulher, do homem ou de ambos? Argumente, justificando sua ideia.

(GOUDAK, 2012, p. 74)

4)

5. Analise a seguinte situação: uma jovem toma pílula anticoncepcional e, portanto, acha que não precisa usar nenhum outro método anticoncepcional para ter relações sexuais. Comente a atitude dela.

(GOUDAK, 2012, p. 82)

g) Exibição dos vídeos “Documentário Trans” (<https://www.youtube.com/watch?v=0pgJ0wFG7ew>) e “Gênero nas escolas” (<https://www.youtube.com/watch?v=ZIJ2Ifu6SIM&t=79s>). O primeiro trata sobre a visibilidade trans através do relato pessoal de homens e mulheres transexuais. No segundo, “Gênero nas escolas”, a youtuber Lorelay Fox questiona o papel da escola e trata a questão de gênero na educação.

h) Distribuição de um questionário propondo debates ao final da oficina:

- Explique o(s) momento(s) dos vídeos que considerou mais importante, justifique essa escolha.

- Você já vivenciou situações de preconceito contra alunas(os) trans? Se sim, que situações? Com foram solucionadas?
- Você avalia que todos os/as transexuais passam pelos mesmos preconceitos? Por quê?
- Na descrição de seu vídeo, no YouTube, Larelay Fox (faz os seguintes questionamentos: “Até que ponto a escola pode discutir preconceito, machismo, transexualidade, homofobia e gênero com as crianças? Quais os impactos destas discussões – e da falta delas – para a sociedade e para o aprendizado? Existe uma ideologia de gênero?”. Responda a cada uma delas, justificando.
- Aponte caminhos que você acha que podem contribuir para que um/a professor/a possa atuar de forma a combater a transfobia na sala de aula.

i) A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é um documento curricular oficial que visa direcionar a educação básica no Brasil. Como você entende que a BNCC possa mudar o currículo atualmente praticado nas escolas? Como poderiam ser incorporadas particularidades e especificidades regionais e sociais nos currículos de cada escola?

j) A terceira versão da BNCC para os Ensinos Infantil e Fundamental foi divulgada no dia 06/04/2017 e tem sido motivo de uma ampla discussão pelo fato de os conceitos “identidade de gênero” e “orientação sexual” terem sido suprimidos do documento. Que impacto(s) essa supressão pode representar em termos da abordagem relativa às discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas?

3.2 OFICINA PEDAGÓGICA 2

1- **Título:** “Orientação sexual é escolha? ”

2- **Público-alvo:** profissionais do ensino de Ciências e da educação.

3- **Duração:** 4 horas/aula

4- **Objetivo:**

O objetivo desta oficina é debater reconhecimento e respeito às sexualidades, problematizando a violência (simbólica e/ou física) que ocorre na família, na sociedade e na escola, assim como o reconhecimento de outros marcadores sociais e quais são suas consequências no cotidiano e na vida das pessoas.

5- **Recursos didáticos:** data show, quadro, canetas.

6- **Procedimentos:**

a) Apresentação e debate de conceitos teóricos. Utilizando o data show, à medida em que os termos são citados, será solicitado aos participantes que expressem seus significados ou suposições. Em seguida, os significados usualmente encontrados na literatura referentes a cada um deles será apresentado.

• Orientação sexual

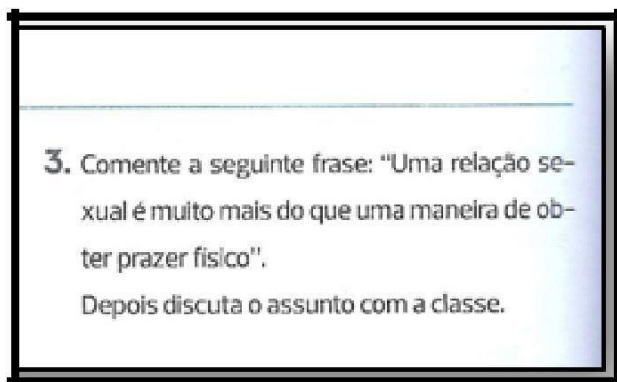
- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Homofobia/LGBTfobia
- Heteronormativo
- Assexual
- Sexismo
- Racismo

b) Exibição do documentário “Bichas, o documentário”, que foi lançado com base em relatos de seis jovens de Recife (PE) sobre como foi se assumir gay. Criado, dirigido e editado por Marlon Parente (www.bichas.com.br). Ao final, será proposto um debate a partir de algumas perguntas:

- O que sentiu ao assistir ao vídeo?
- Que relato chamou mais chamou sua atenção? Por qual motivo?
- Descreva quais os estereótipos que considera que apresentam maior vulnerabilidade. Justifique.
- Já foi agredido ou presenciou pessoas sendo agredidas por conta da homofobia ou qualquer outro preconceito? Descreva como foi a cena e como se sentiu.
- Algum outro tema poderia ter sido abordado no documentário? Qual?
- Você acha necessária a existência do movimento LGBTI? Por quê?
- Por que o HIV/AIDS é ainda tão relacionado ao público gay? Essa atribuição é justificada?

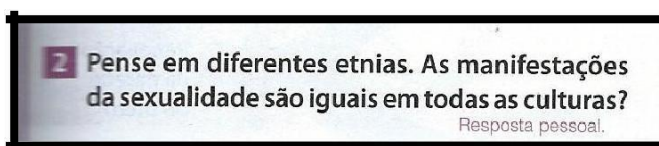
c) Trabalhar o tema a partir de exercícios apresentados nos próprios livros didáticos voltados para alunos do 8º ano, do Ensino Fundamental II e ao final propor um debate sobre esses materiais. Cada integrante receberá uma folha com a tarefa proposta, que consiste em ler os textos e propor reflexões a serem realizadas com os estudantes nas aulas, relacionando a outros conceitos sobre sexualidade.

1)



(GEWANDSZNAJDER , 2012, p. 236)

2)



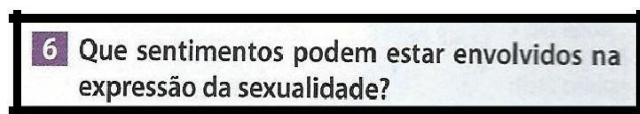
(PROJETO ARIBÁ, 2010, p. 53)

3)



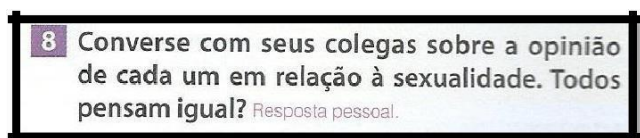
(PROJETO ARIBÁ, 2010, p. 53)

4)



(PROJETO ARIBÁ, 2010, p. 53)

5)



(PROJETO ARIBÁ, 2010, p. 53)

6)

Responda

1. Como era o namoro na época dos seus pais? E como é agora? Converse com seus colegas.
2. Você conversa sobre sexo e sexualidade com seus pais?

Respostas pessoais.

(BRÖCKELMAN, 2011, p. 216)

d) Produzir e apresentar uma proposta de atividade a ser realizada na sala de aula que tenha como objetivo problematizar temáticas relacionadas ao gênero e à sexualidade, a fim de ampliar a reflexão do conhecimento construído nas oficinas. Após a apresentação para os demais participantes da oficina, será realizado um debate sobre as possíveis abordagens.

3.3 OFICINA PEDAGÓGICA 3

1- **Título:** Diversidade cultural na escola

2- **Público-alvo:** profissionais da educação

3- **Duração:** 4 horas

4- **Objetivos:**

- Debater as ideias do movimento “Escola Sem Partido” e possíveis mudanças na escola.
- Discutir abordagens da diversidade cultural na sala de aula, fomentando a reflexão sobre os discursos e práticas que ocorrem na escola.

5- **Recursos didáticos:** data show, quadro, canetas.

6- **Procedimentos:**

a) O movimento “Escola Sem Partido” afirma que existe doutrinação em sala de aula e que algumas discussões devem ser evitadas, entre elas as relacionadas ao campo do gênero e da sexualidade. É o que chamam de “ideologia de gênero”. O movimento mantém uma página na internet na qual publica “[...] depoimentos de estudantes que tiveram ou ainda têm de atuar a militância político-partidária ou ideológica de seus professores” e orienta como os alunos devem proceder dando suporte para as pessoas interessadas em acionar a justiça contra atitudes de professores em sala de aula. Adiante foram transcritos dois fragmentos de texto da Sessão de Depoimentos:

Esperamos, com isso, alcançar um duplo resultado. O primeiro é ajudar outros estudantes a identificar as estratégias de doutrinação e propaganda utilizadas por seus professores e, naturalmente, se precaver contra elas. O segundo é mostrar aos professores que porventura se reconheçam em tais depoimentos o grande erro que vêm cometendo ao tentar fazer de seus alunos futuros “agentes de transformação social”, a serviço desse ou daquele partido ou ideologia” (<http://www.escolasempartido.org/depoimentos>)

O “Escola Sem Partido” aconselha:

Na dúvida, não se precipitem. Planejem a sua denúncia. Anotem os episódios, os conteúdos e as falas mais representativas da militância política e ideológica do seu professor. Anotem tudo o que possa ser considerado um abuso da liberdade de ensinar em detrimento da sua liberdade de aprender. Registrem o nome do professor, o dia, a hora e o contexto. Sejam objetivos e equilibrados. Acima de tudo, verazes. E esperem até que esse professor já não tenha poder sobre vocês. Esperem, se necessário, até sair da escola ou da faculdade. Não há pressa.

Quando estiverem seguros de que ninguém poderá lhes causar nenhum dano, DENUNCIEM a covardia de que foram vítimas quando não podiam reagir.

Façam isso pelo bem dos estudantes que estão passando ou ainda vão passar pelo que vocês já passaram. É um serviço de utilidade pública. (<http://escolasempartido.org/planeje-sua-denuncia>).

Responda:

- Você considera o “Escola Sem Partido” um movimento de ideologia neutra? Por quê?
- Você acha que discutir diversidade cultural pode levar à doutrinação? Por quê?

b) Apresentação em power point de manchetes e imagens (adiante explicitadas) sobre o tema gênero e sexualidade, com a finalidade de estimular entre os participantes o debate sobre preconceito, violência e tolerância.

1)

3

Confundidos com casal gay, pai e filho são agredidos no interior de SP; homem perdeu parte da orelha

75

Do UOL Notícias
Em São Paulo
19/07/2011 | 09h04


 Ouvir texto
  Imprimir
  Comunicar erro

A Polícia Civil de São João da Boa Vista (SP) investiga a agressão contra dois homens, pai e filho, que teriam sido confundidos por criminosos com um casal gay. O caso ocorreu no fim de semana, durante uma feira agropecuária da cidade. O homem de 42 anos perdeu boa parte da orelha direita. O rapaz de 18 anos foi encaminhado ao hospital, mas já foi liberado.

4 2)

Irmãos gêmeos são confundidos com homossexuais e um deles é morto

POR VITOR ANGELO

Um simples abraço foi o motivo para que oito homens agredissem os irmãos gêmeos José Leonardo da Silva e José Leandro da Silva, 22. A ira foi tal que Leonardo morreu no local ao levar diversas pedradas na cabeça, Leandro conseguiu sobreviver, como informa a versão online do jornal baiano A Tarde, nesta quarta-feira, 27.

O crime ocorreu em na madrugada de domingo para segunda, 25, quando os irmãos voltavam do Camaforró, em Camaçari, cidade da Grande Salvador.

“Pensaram que eles fossem um casal homossexual. Os agressores e as vítimas não se conheciam e não tiveram nenhuma briga anterior, por isso acho que a motivação seja a homofobia”, disse a delegada da 18ª DT, Maria Tereza Santos Silva, em depoimento para o jornal. Ela não tem dúvida que trata-se de um crime de homofobia.

³ Uol Notícias, 2011. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/19/confundidos-com-casal-gay-pai-e-filho-sao-agredidos-no-interior-de-sp-homem-perdeu-parte-da-orelha.htm>. Acesso em: 20/02/2017

⁴ Folha de São Paulo. Vitor Ângelo, 2012. Disponível em: <http://blogay.blogfolha.uol.com.br/2012/06/27/irmaos-gemeos-sao-confundidos-com-homossexuais-e-um-deles-e-morto/> Acesso em: 20/02/2017.

53)

Mulher relata caso de homofobia dentro do CCBB: 'Fora lésbica'

Visitante era namorado de funcionária do espaço e casal foi ofendido e intimidado pelo homem. Instituição sofreu enxurrada de críticas

02/01/2017 10:11:17 - ATUALIZADA ÀS 02/01/2017 15:50:25
ADRIANO ARAÚJO

Rio - Um caso de homofobia ocorrido dentro do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Centro do Rio, está causando revolta na internet. Segundo uma mulher, que estava acompanhada da namorada, um homem escreveu em um espaço interativo, reservado para crianças na exposição Mondrian, "Fora Lésbica", para insultar a afetada a casal.



64)

Lésbicas são agredidas com socos e pontapés no Campo Grande. Veja vídeo

Domingo, 03 de Novembro de 2013 - 13:30
Por Adelia Felix (Twitter: @adelia_felix)



Mais um caso de agressão com indícios de homofobia ocorreu na praça do bairro do Campo Grande, em Salvador, na noite da última sexta-feira (1º). Um ataque de fúria contra duas lésbicas foi presenciado por um leitor do **Balcão News** que prefere não se identificar. A agressão teria acontecido após um rapaz paquerar uma das meninas que estavam sentadas no banco da praça. "Ele passou e chamou uma das meninas de gostosa. E aí uma delas reagiu, e pediu para ele respeitá-las porque elas eram namoradas", conta.

75)



86)

⁵ O DIA. Adriano Araújo, 2017. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-01-02/mulher-relata-caso-de-homofobia-dentro-do-ccbb-fora-lesbica.html>. Acesso em: 20/02/2017.

⁶ Balcão News. Adélia Félix, 2013. Disponível em: <http://www.bocaonews.com.br/noticias/policia/policia/72871,lesbicas-sao-agredidas-com-socos-e-pontapes-no-campo-grande-veja-video.html>. Acesso em: 20/02/2017.

⁷ Pragmatismo Político, 2015. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/02/menino-negro-rejeitado-por-heterossexuais-e-adoptado-por-casal-gay.html>. Acesso em: 20/02/2017.



c) A partir da reflexão de suas próprias vivências, reproduza narrativas em que os alunos foram envolvidos em circunstâncias relacionadas ao tema da oficina, e que tenham ocorrido na sala de aula/escola em que trabalhou/trabalha. Escreva, utilizando recursos argumentativos, como você lidaria hoje com esses mesmos eventos.

d) Analise as imagens de livros de Ciências selecionadas adiante e discorra sobre suas impressões, sobre a abordagem os temas indicados, fundamentando seus pontos de vista.

d.1) Conceito de família/Diversidade.



Fonte: CANTO, 2012, P.194.

Fonte: CANTO, 2012, p. 198.

Fonte: CANTO, 2012, p. 210.

d.2) Gravidez e responsabilidade feminina.

⁸ Terra. Por redação Hypesess. Disponível em: <http://www.hypesess.com.br/2015/11/a-emocionante-historia-do-homem-trans-que-se-descobriu-gravido/>. Acesso em: 20/02/2017.



Fonte: GOUDAK, 2012, 213)

Fonte: BARROS, 2012, p.66)

Fonte: USBERCO, 2015, p. 189)

d.2) Gravidez e responsabilidade feminina

CUIDADOS NA GESTAÇÃO

Uma gestante deve adotar certos cuidados durante a gestação, tais como:

- Adotar uma alimentação balanceada, como aliás deve ser a de qualquer pessoa.
- Não ingerir bebidas alcoólicas, não fumar nem consumir outro tipo de droga, pois essas substâncias podem causar danos à mãe e ao feto. Só consumir medicamentos com a devida orientação médica.
- Comunicar imediatamente ao médico qualquer alteração no organismo, como eliminação de sangue pela vagina, contrações uterinas antes da data prevista para o parto, fortes dores de cabeça ou abdominais.
- Ir ao médico periodicamente, seguir suas orientações e realizar todos os exames solicitados.

Fonte: BARROS, 2012, p.65

d.3) Abordagens do uso de camisinha masculina e feminina nos livros didáticos.

The image shows instructional diagrams for using a female condom. The diagrams include:

- Opening the individual packaging.
- Inserting the condom into the vagina, ensuring the outer ring is at the entrance and the inner ring is at the cervix.
- Ensuring the condom is fully inserted and the outer ring is at the entrance.
- After use, the condom should be removed by pulling it out from the bottom, not from the top, and disposed of in a trash bin.

 A photograph of the female condom is shown on the right, with the text '17.3 Camisinha feminina.' below it.

Fonte: GEWANDSZNAJDER, 2012, p.238. Fonte: GEWANDSZNAJDER, 2012, p.239.

7- Avaliação da oficina:

- Quais eram as suas expectativas em relação às oficinas? Elas foram atendidas?
- Qual foi o aspecto mais importante das oficinas?
- As atividades realizadas nas oficinas poderão contribuir para sua atividade docente? Se sim, de que forma?
- Escreva os pontos positivos e negativos das atividades realizadas.
- ...- Escreva seus comentários sugerindo mudanças nas atividades propostas e/ou outras atividades.

4. SUGESTÕES DE FILMES E SÍTIOS ELETRÔNICOS

Adiante são sugeridos filmes, sítios eletrônicos e outros que podem ser utilizados pelos professores na discussão das temáticas abordadas nas oficinas.

1) Filmes e documentários:

Billy Elliot. (Inglaterra) 2000. 110m. Sinopse: Tendo como pano de fundo a greve dos mineiros na Inglaterra, esta deliciosa comédia musical mostra o jovem Billy Elliot (o estreante Jamie Bell, numa fantástica interpretação) e a descoberta que deixou seu pai de cabelos em pé: sua inesgotável paixão pela dança! Ao chegar na puberdade, Billy percebe que prefere a companhia das garotas nas aulas de balé - que ele frequenta escondido - a lutar boxe, como os mais velhos querem.

Desejo proibido. (If The Walls Could Talk 2). EUA. 2000. 96 min. Sinopse: “Três histórias sobre casais de lésbicas em diferentes épocas. Destacamos a primeira história - 1961: quando Abby morre, Edith, sua parceira, precisa silenciosamente encarar sua perda amorosa e a negação de sua posição como “família” pelo hospital e pelos herdeiros de Abby.

Vamos falar de sexo (Kinsey). EUA. 2004. 118 min. Em 1948, o biólogo Alfred Kinsey abalou a conservadora sociedade americana ao lançar seu novo livro, uma ampla pesquisa, na qual levantou dados sobre o comportamento sexual de milhares de pessoas. O assunto, até então pouquíssimo abordado, passa a ser tema de debates e provoca polêmica na sociedade.

Medo de quê? Brasil. 2005. 18 min. Produzido e distribuído pela ONG ECOS. Sinopse: Desenho animado sem falas, sobre um adolescente que “descobre” seus desejos por rapazes e as reações que isso desperta.

Meninos não choram. (Boys don't cry). EUA. 1999. 114 min. Sinopse: Baseado em fatos reais, este drama é uma adaptação da vida de Brandon Teena (Teena Brandon quando nasceu), uma jovem que escolheu viver como um rapaz e sofreu trágicas consequências por isso.

Minha vida em cor-de-rosa. (Ma vie en rose). Bélgica. 1971. 90min. Sinopse: Trata da história de um garoto que se identifica com símbolos da feminilidade (roupas, maquiagem, enfei-

tes, gestos, postura), tratando das tensões que isso provoca em sua família, nas relações de amizade e de vizinhança.

Transamérica. EUA. 2005. 103min. Sinopse: Bree é uma mulher transexual está pronta para completar a sua transição do gênero masculino ao feminino através de uma cirurgia de transgenitalização. Enquanto isso, ela descobre que é pai de um adolescente no outro extremo do país Vera.

XXY. Argentina. 2007. 85min. Filme de Lucía Puenzo. Sinopse: Sobre um(a) jovem intersex cujo pai apoia a escolha de não ser submetido(a) a tratamentos médicos de normalização.

Hoje eu quero voltar sozinho. Brasil. 2014. 1:36 min. Filme de Daniel Ribeiro. Sinopse: Leonardo é um adolescente cego desejando mais independente que planeja libertar-se de seu cotidiano fazendo um intercâmbio. Mas a chegada de um novo aluno na escola, Gabriel, faz o garoto redescobrir sua maneira de ver o mundo.

Tomboy. Sinopse: Ao ir para uma nova residência ainda nas férias, ela faz amizade com uma grande turma de garotos da vizinhança, mas se apresenta como Mikael. Isso faz com que ela se aproxime de Lise, a única menina do grupo. Não demora até que Lisa caia de amores por Mikael, mas as férias estão para acabar e Laure não sabe como fará para manter seu segredo.

Outras sugestões:

Vestidas de noiva

https://www.youtube.com/watch?v=B5lhwvyqb_A

Leve-me pra sair

<https://www.youtube.com/watch?v=mFaV5wMw3Vs>

Protagonismo Trans

<https://www.youtube.com/watch?v=k4yJ3ZoxaAg>

(Trans)parência

<https://www.youtube.com/watch?v=Tj0XflQXu0k>

Entre lugares: a invisibilidade do homem trans

<https://www.youtube.com/watch?v=kJrTqw2H0wg>

Negras lésbicas

<https://www.youtube.com/watch?v=Ljmt-qGgBzo>

A vida que não cabe

<https://www.youtube.com/watch?v=pJYsrdJaByI>

Os tabus sociais na percepção de gêneros e papéis sexuais

<https://www.youtube.com/watch?v=8wDzXSlrs5Q>

Não Fique Calado Diante da Homofobia

<https://www.youtube.com/watch?v=-gTc8IhziQo>

"T"

<https://www.youtube.com/watch?v=0Sit-1ZEx40>

Como se fosse da família

<https://vimeo.com/111841020>

Meninas

<https://www.youtube.com/watch?v=92WaYgChtDo>

Dandaras: a força da mulher quilombola

<https://www.youtube.com/watch?v=RSW3uEfk4QU>

Sites:

Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE):

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/health-education-in-brazil/sexuality-education-in-brazil/about-health-and-prevention-in-schools-project/>

A coleção Adolescentes e Jovens para a Educação entre os Pares:

<http://www.aids.gov.br/publicacao/adolescentes-e-jovens-para-educacao-entre-pares-spe>

Direitos Sexuais São Direitos Humanos: Cartilha para Adolescentes e Jovens :

http://oficinadeimagens.org.br/concursoderedacao/wp-content/uploads/2014/06/cartilha_PROTEGER.pdf

Direitos Sexuais, Direitos Reprodutivos e Métodos Contraceptivos:

http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf

REFERÊNCIAS

- BARREIROS, Cláudia. Hernandez. **Quando a diferença é motivo de tensão**: um estudo de currículos praticados em classes iniciais do ensino fundamental, Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. PUC-Rio, 2006.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Tradução Guilherme Joao de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade Sexual na Escola**. Rio de Janeiro: Reitoria de Extensão, 2008, v.1. p.64. Disponível em: <file:///C:/Users/Cleide/Downloads/Cartilha%20Diversidade%20Sexual%20na%20escola.pdf>.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexualizando o Corpo**. Traduzido de Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality. New York: BasicBooks, 2000.
- FONSECA, Cláudia. **A vingança de capitu**: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea. Em C. Bruschini e S. Unbehaum (Eds.), Gênero, de mocracia e sociedade brasileira 1 (pp. 267-293). São Paulo: Editora 34. 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FRANCO, Neil. **A diversidade entra na escola**: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero, 2009.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero**: conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012.
- LAQUEUR, T.W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. **Dossiê destemidos, bravos, solitários – a masculinidade na versão western**. v. 7, n. 10: Bagoas - estudos gays: gênero e sexualidades, 2013.
- _____. **Os Estudos Queer e a Educação no Brasil**: articulações, tensões, resistências. Contemporânea ISSN: 2236-532X v. 2, n. 2 p. 363-369 Jul.–Dez. 2012.
- _____. **Pedagogias da Sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- NOGUEIRA, Luma. **Travestis na escola**: assujeitamento e resistência à ordem normativa/ Luma Nogueira; editora Léa Carvalho. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.
- PEREIRA, Maria Elizabete.; BRANDT, Maria Elisa. A efetivação de parcerias necessárias à construção de uma política de educação em gênero e diversidade. In: PEREIRA, Maria. Eli-

zabeth. et al. (Org.). **Gênero e diversidade na escola:** formação de professo-ras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007. p. 19-24. Disponível em: <http://www.e-clam.org/downloads/Caderno-de-Atividades-GDE2010.pdf>.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta , galinha sem pé.** Col. Toda criança do mundo. Ed. Salamandra, 2009.

SANTOS, Luciano. Livros didáticos e mídia televisiva na construção das representações de América espanhola dos alunos de Ensino Básico do município de Inhumas – Goiás *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 397-418, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/viewFile/4778/3629>.

SENKEVICS, Adriano Souza ; POLIDORO, Juliano Zequini. **Corpo, gênero e ciência:** na interface entre Biologia e sociedade. *Revista da Biologia* (2012) 9(1) : 16-21 DOI: 10.7594/revbio.09.01.04. 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/Cleide/Downloads/180-Senkevics&Polidoro%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cleide/Downloads/180-Senkevics&Polidoro%20(1).pdf)

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<http://www.iwgregorio.com/2014/09/13/5-myths-about-intersex-debunked/>. Consulta realizada no dia 17/01/2017

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2016** - Nota Técnica no. 17. IPEA, 2016. Disponível em: http://infobucket.s3.amazonaws.com/arquivos/2016/03/22/atlas_da_violencia_2016.pdf. Acesso em 06/03/2017

ANEXO 1 – Faca sem ponta galinha sem pé

FACA SEM PONTA GALINHA SEM PÉ – RUTH ROCHA

Esta é uma história de dois irmãos: Joana e Pedro. Os problemas que eles tinham não eram diferentes de todos os irmãos.

Pedro implicava com a irmã por ela querer fazer coisas de menino, tais quais jogar bola, subir em árvore. Porém, ela tinha que se comportar como menina.

Joana implicava com o irmão por ele, às vezes, ter "atitudes femininas", como chorar por causa de um filme triste, ou ficar se olhando no espelho.

Os dois sofriam cobranças de atitudes “correspondentes” com seu sexo por parte de seus pais, como: "menina tem que ser delicada, boazinha..."

Ou “Filho meu não foge! Volte pra lá já já e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira! Homem não chora!"

Um dia, tinha chovido muito e os dois, voltando da escola, passaram por debaixo do arco-íris e mudaram de sexo. E a situação se complicou.

Vocês não podem imaginar o rebuliço que foi na casa deles quando contaram o que tinha acontecido! Seus pais ficaram muito preocupados, principalmente com a situação de Pedro. Está bem que a gente vista a Joana de homem. Afinal, as mulheres hoje em dia só querem se vestir de homem. Mas como vestir a Pêdra de mulher?

Ao irem para a escola, no dia seguinte, Pedro, quer dizer, Pêdra, que agora era menina, deu o maior chute numa tampinha de cerveja que estava no chão. - Vamos parar com isso? – disse Joano. – Menina não faz essas coisas. - É eu sou menina? – reclamou Pêdra. - É, não é?

- Ah, mas eu não me sinto menina! Tenho vontade de chutar tampinha, de empinar papagaio, de pular sela... - Ué, eu também tinha vontade de fazer tudo isso e você dizia que menina não podia – reclamou Joano. - Mas é que todo mundo diz isso – disse Pêdra. – Que menina não joga futebol, que mulher é dentro de casa... - Pois é, agora aguenta! Não pode, não pode, não pode!

Joano e Pedra deram as mãos. E correram, juntos, em direção ao arco-íris. E, finalmente, perceberam que alguma coisa, novamente, tinha acontecido. Então riram, abraçaram-se e começaram a voltar para casa. Então, Joana viu uma tampinha na calçada. Correu e chutou a tampinha para Pedro. Pedro devolveu e os dois foram jogando tampinha até em casa (ROCHA, 2009).

